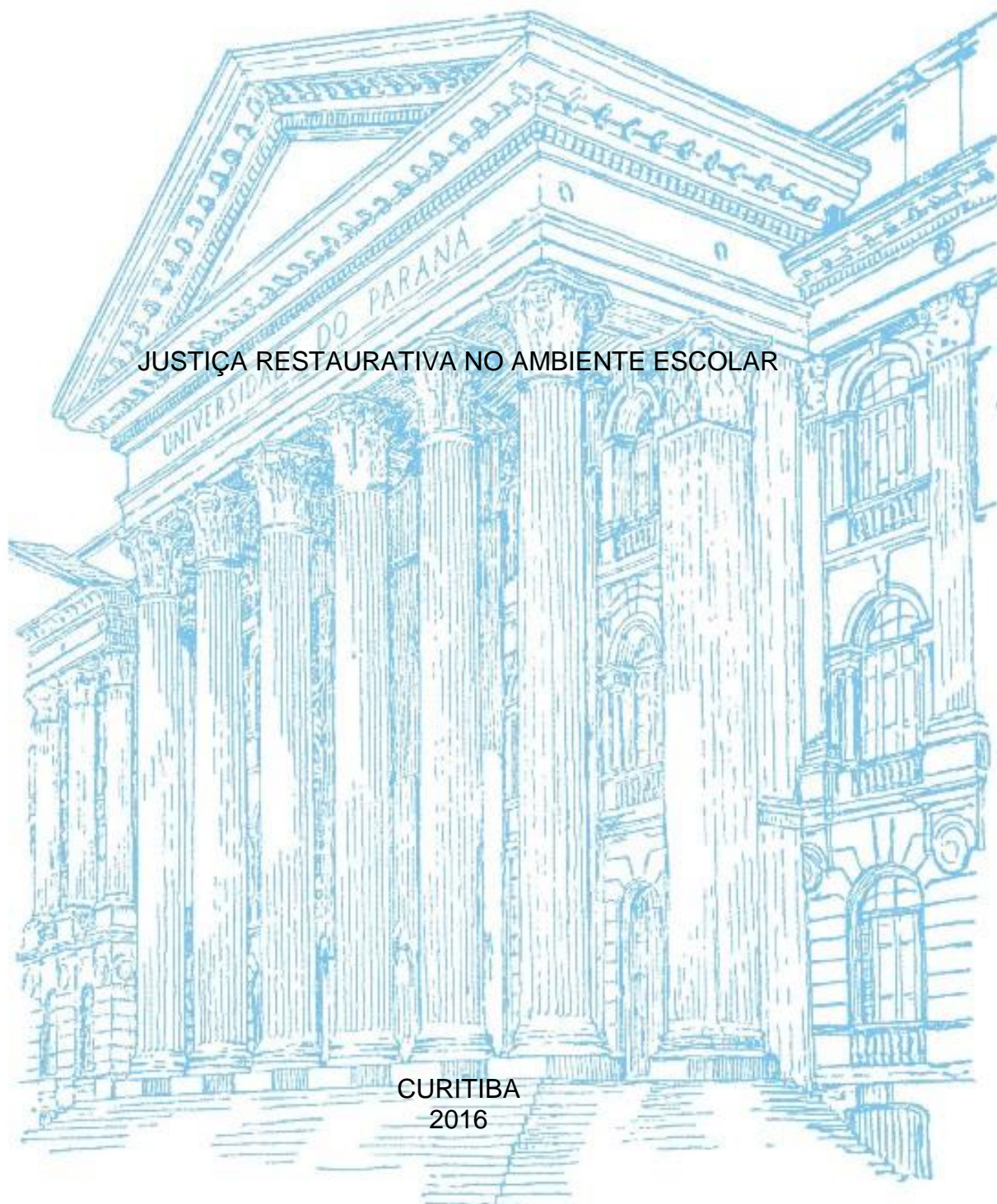


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ELEN ARAUJO DO NASCIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

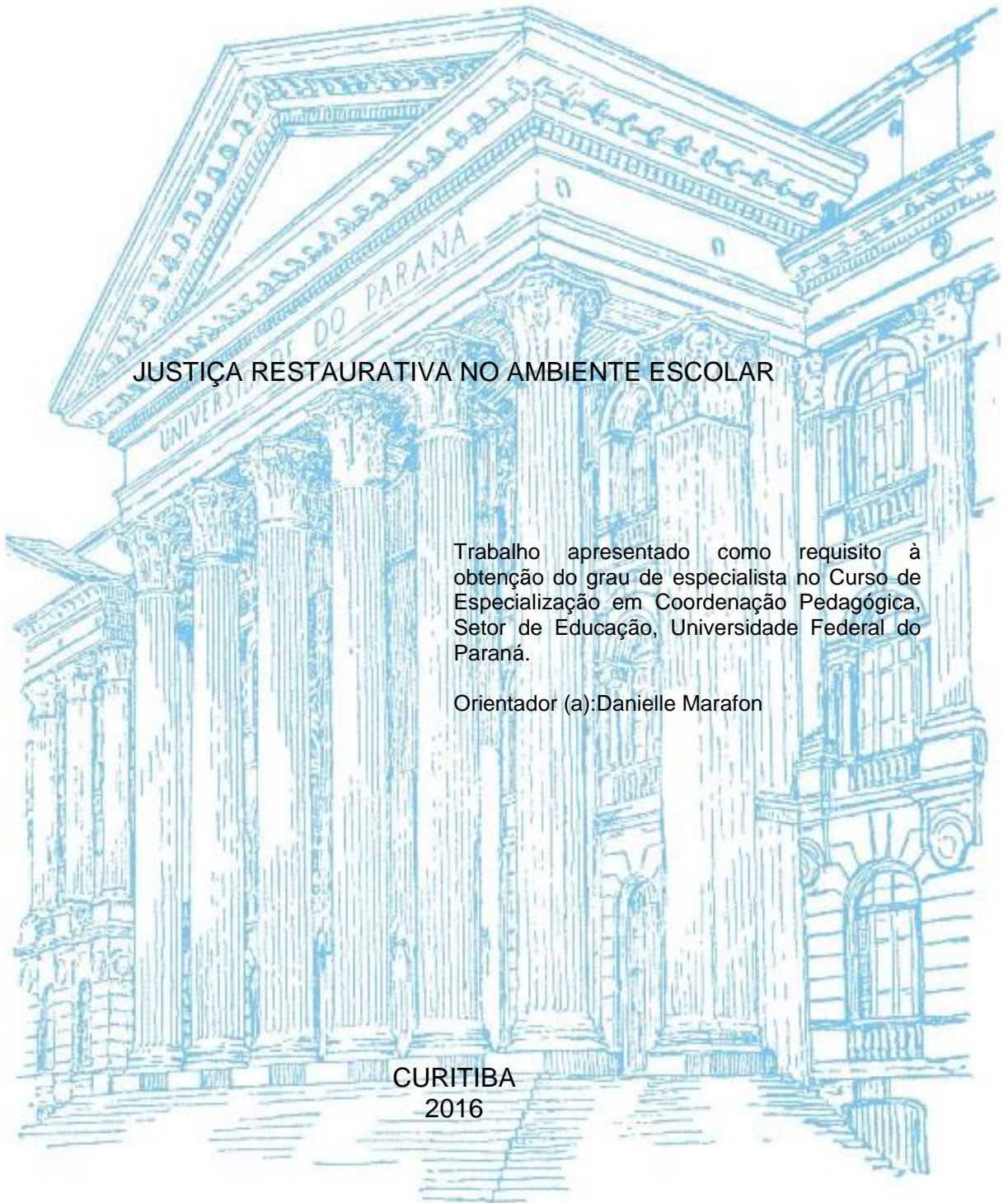
ELEN ARAÚJO DO NASCIMENTO

JUSTIÇA RESTAURATIVA NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Danielle Marafon

CURITIBA  
2016



## JUSTIÇA RESTAURATIVA NO AMBIENTE ESCOLAR

ELEN ARAUJO DO NASCIMENTO<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo tem como tema: Justiça Restaurativa no Ambiente Escolar, cujo objetivo é entender as possibilidades das práticas do círculo restaurativo, enfatizando o diálogo e a sensibilização, tanto da parte do ofensor quanto do ofendido, com intuito do resgate da boa convivência e a interação social qualitativa, mediado por alguém do cotidiano escolar, auxiliando na prevenção e no agravamento de conflitos. Foi utilizado nesse trabalho as pesquisas: bibliográfica e a de campo, fundamentadas em autores, como: Zehr (2008); Mullet e Amstutz (2012); Almeida e Brandão, o que facilitou o entendimento coeso e coerente da proposta.

**Palavras-Chave:** Justiça Restaurativa. Cotidiano Escolar. Círculo Restaurativo.

---

\*Artigo produzido pela aluna Elen Araújo do Nascimento do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Danielle Marafon E-mail: nascimento.a.elen@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A prática da Justiça Restaurativa ainda é pouco difundida no Brasil, até mesmo no contexto do Judiciário, quanto mais no ambiente escolar. Quando aplicada tem trazido resultados muito positivos. Sendo assim, nos dispomos a nos fundamentarmos melhor, tanto a nível teórico quanto a nível prático, analisando as possibilidades de adotar essa abordagem no ambiente escolar, visando a resolução de conflitos.

Para discutir as possibilidades da Justiça Restaurativa no cotidiano escolar, organizamos o nosso estudo na seguinte sequência: Fundamentar a Justiça Restaurativa; Conhecer sua experiência prática no cotidiano escolar, e avaliar as possibilidades de sua aplicação no ambiente escolar.

Pretendemos aqui, apenas suscitar que a prática da Justiça Restaurativa no cotidiano escolar é possível, sem a intenção de esgotar essa temática, mas iniciar uma possível discussão.

## 2. Revisão de literatura

A pesquisa científica é um processo de investigação, e de acordo com Cervo e Bervian (2002, p.14) “é uma atividade voltada para a solução de problemas teóricos ou práticos com o emprego de processos científicos. A pesquisa parte, pois, de uma dúvida ou problema e, com o uso do método científico, busca uma resposta ou solução”. Deve então existir um ponto inicial, uma interrogativa, que com a utilização de métodos específicos se objetiva alcançar um ponto final, uma conclusão, uma resposta àquilo que se questiona.

No que se refere aos tipos de pesquisa, se diferenciam pelos procedimentos que se utilizam, tornando assim, cada uma, singular e única. Classificam-se da seguinte maneira: pesquisa bibliográfica que “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos” (CERVO; BERVIAN, 2002, p.14), pesquisa descritiva que

“observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN, 2002, p.15), a pesquisa experimental “caracteriza-se por manipular diretamente as variáveis relacionadas com o objeto de estudo”. Nesse tipo de pesquisa, a manipulação das variáveis proporciona o estudo da relação entre causa e efeito de um determinado fenômeno” (CERVO; BERVIAN, 2002, p.23), pesquisa documental, “tem se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como, jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais” (SEVERINO, 2007, p.12)

Esse trabalho será desenvolvido por meio da pesquisa bibliográfica para um melhor entendimento sobre o tema abordado, articulado com a pesquisa de campo, por oferecer subsídios de comparação entre a teoria e a realidade, e a pesquisa descritiva, descrevendo um fato a partir de observações, na forma de estudo de caso que se trata segundo Cervo; Bervian (2002, p.21) de: “pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo do seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida.” Sob essa ótica, vale lembrar que toda prática se fundamenta numa teoria, assim sendo, nos valem de autores, cujos conhecimentos nos dão segurança ao afirmarmos nossa intenção em realizar uma pesquisa sobre o tema já exposto.

## **CONTEXTUALIZANDO A JUSTIÇA RESTAURATIVA**

A Justiça Restaurativa surgiu no exterior, na cultura anglo-saxã. As primeiras experiências vieram do Canadá e da Nova Zelândia e ganharam relevância em várias partes do mundo. Aqui no Brasil ainda estamos em caráter experimental, mas já está em prática há dez anos.

A prática da Justiça Restaurativa tem se expandido pelo país, conhecida como uma técnica de solução de conflitos que prima pela criatividade e sensibilidade na escuta das vítimas e dos ofensores. A prática tem iniciativas cada vez mais diversificadas e já coleciona resultados positivos.

*A denominação justiça restaurativa é atribuída a Albert Eglash, que, em 1977, escreveu um artigo intitulado *Beyond Restitution: Creative Restitution*, publicado numa obra por Joe Hudson e Burt Gallaway, denominada “*Restitution in Criminal Justice*”. Eglash sustentou, no artigo, que havia três respostas ao crime – a retributiva, baseada na punição; a distributiva, focada na reeducação; e a restaurativa, cujo fundamento seria a reparação (BRANDÃO, 2002. p. 23).*

No estado de São Paulo a Justiça Restaurativa tem sido utilizada em dezenas de escolas públicas e privadas, auxiliando na prevenção e no agravamento de conflitos. No Rio Grande do Sul, juízes aplicam o método para auxiliar nas medidas socioeducativas cumpridas por adolescentes em conflito com a lei, conseguindo recuperar para a sociedade, jovens que estavam cada vez mais entregues ao caminho do crime. No Distrito Federal, o Programa - Justiça Restaurativa é utilizada em crimes de pequeno e médio potencial ofensivo, além dos casos de violência doméstica. Na Bahia e no Maranhão, o método tem solucionado os crimes de pequeno potencial ofensivo, sem necessidade de prosseguir com processos judiciais.

Um processo restaurativo significa qualquer processo no qual a vítima, o ofensor e/ou qualquer indivíduo ou comunidade afetada por um crime participem juntos e ativamente da resolução das questões advindas do crime, sendo frequentemente auxiliados por um terceiro, investido de credibilidade e imparcialidade (ALMEIDA, 2001, p.11)

A inovação da Justiça restaurativa é que não é o juiz que realiza a prática, e sim o mediador que faz o encontro entre vítima e ofensor, e eventualmente as pessoas que as apoiam. Apoiar o ofensor não significa apoiar o crime, e sim apoiá-lo no plano de reparação de danos. Nesse ambiente se faz a busca de uma solução que seja aceitável. Não necessariamente, o mediador precisa ter formação jurídica, pode ser por exemplo, uma assistente social, pedagogo, psicólogo, professor.

Nesse quadro comparativo poderemos visualizar as diferenças entre a proposta retributiva e a proposta restaurativa de justiça, demonstradas pelo esquema publicado por Highton, Alvarez e Gregório em “*Resolución Alternativa de Disputas y Sistema Penal*” (ALMEIDA, 2001, p.12)

	<b>Justiça Retributiva</b>	<b>Justiça Restaurativa</b>
<b>Delito</b>	Infração da norma	Conflito entre pessoas
<b>Responsabilidade</b>	Individual	Individual e social
<b>Controle</b>	Sistema penal	Sistema penal / Comunidade
<b>Protagonistas</b>	Infrator e o Estado	Vítima , vitimário e comunidade
<b>Procedimento</b>	Adversarial	Diálogo
<b>Finalidade</b>	Provar delitos Estabelecer culpas Aplicar castigos	Resolver conflitos Assumir responsabilidades Reparar o dano

<b>Finalidade</b>	Provar delitos Estabelecer culpas Aplicar castigos	Resolver conflitos Assumir responsabilidades Reparar o dano
<b>Tempo</b>	Baseado no passado	Baseado no futuro

O marcante contraste entre as duas propostas possibilita-nos apreender o potencial preventivo da proposta restaurativa, assim como seu propósito de implicar os sujeitos nos seus atos e em sua resolução - processo de enorme repercussão na pacificação social.

Podemos destacar que na Justiça Retributiva temos um conceito estritamente jurídico de crime, enquanto que na Justiça Restaurativa, temos um conceito amplo de crime, sendo o mesmo o ato que afeta a vítima, o próprio autor e a comunidade causando-lhe uma variedade de danos, bem como uma Justiça Criminal participativa. (...). No que diz respeito aos efeitos para a vítima, frise-se que na Justiça Retributiva há pouquíssima ou nenhuma consideração, ocupando lugar periférico e alienado no processo; na Justiça Restaurativa, ao revés, a vítima ocupa lugar de destaque, com voz ativa e controle sobre o que passa. Com relação ao infrator, na Justiça Retributiva este é considerado em suas faltas e sua má-formação e raramente tem participação; na Justiça Restaurativa, é visto no seu potencial de responsabilizar-se pelos danos e consequências do delito, interage com a vítima e com a comunidade, vê-se envolvido no processo, contribuindo para a decisão (BRANDÃO, 2002, p.45)

O objeto de trabalho da justiça restaurativa não é o delito, mas sim o conflito consequente ao delito. Esta é uma distinção fundamental. Os aportes da justiça restaurativa são complementares ao tratamento dado ao delito pelo Estado. A pena não dirime o conflito, objeto maior dos programas restaurativos.

A oportunidade de a vítima expor seus sentimentos e percepção relativos ao dano sofrido, de fazer perguntas que compulsoriamente invadem seu cotidiano e de dizer do impacto que o trauma causou a si e/ou aos seus, têm sido aspectos entendidos como relevantes para uma atitude reflexiva e reparadora do ofensor e para a restauração da vítima.

A possibilidade de conhecer o impacto de suas ações e de eventualmente esclarecer que as consequências do seu ato transcenderam a sua intenção, bem como o reconhecimento do erro, podem igualmente atuar como diferencial para a instauração de uma etapa de melhor qualidade na história do ofensor, assim como, contribuir para o processo restaurativo de ambos, ofensor e vítima.

De maneira geral, os procedimentos que integram a prática da justiça restaurativa são precedidos por entrevistas individuais com a vítima e o ofensor, acompanhados de seus advogados, caso existam e, caso sejam necessários. A participação da vítima e do ofensor no processo restaurativo deve ser voluntária. Eles são esclarecidos sobre os objetivos do trabalho e preparados para nele participarem.

A mediação entre vítima e ofensor pode ou não incluir seus familiares como suporte para ambos, tanto no momento da mediação, como no comprometimento com as propostas que possam dela advir.

Na mediação, um terceiro elemento, neutro, conduz as partes envolvidas no conflito para o diálogo, sobre as origens e consequências do ato conflituoso, de maneira que este alcance a solução ideal, consistente, num acordo restaurativo, no qual, vítima e ofensor, saiam satisfeitos, e o pacto de cidadania, abalado com o cometimento da infração, seja restabelecido. Vê-se que o mediador é apenas um facilitador desse plano restaurativo, e as partes envolvidas tomam as rédeas de todo o processo de restauração, através do diálogo livre e mediado, apto a transformar o comportamento dos conflitantes e da sociedade em geral.

Nas reuniões coletivas e círculos decisórios ocorre uma mediação ampliada, ou seja, o diálogo sobre as origens e consequências do delito com a consequente realização de um acordo restaurativo não

ocorre em nível individual, mas de forma coletiva e integrada com a comunidade (BRANDÃO, 2002, p.17 ).

Quando se realiza a discussão, ouvindo as duas partes envolvidas no conflito, através do diálogo harmonioso, não há acusação ou recriminação, mas uma sensibilização da consequência do ato em si. Caso esses benefícios sejam identificados como possíveis, os métodos restaurativos podem ser usados em qualquer estágio do processo de justiça criminal.

A Justiça Restaurativa se vale do diálogo entre as pessoas envolvidas no pacto de cidadania, afetado com o surgimento do conflito, quais sejam, ofensor, vítima, e em alguns casos a comunidade. Logo, é avaliada segundo sua capacidade de fazer com que as responsabilidades pelo cometimento do delito sejam assumidas, as necessidades oriundas da ofensa sejam satisfatoriamente atendidas, e a cura, ou seja, o resultado individual, socialmente terapêutico, seja alcançado.

Por centrar suas forças no diálogo, no envolvimento emocional das partes, na reaproximação das mesmas, é fundamental esclarecer que não há ênfase para a reparação material na Justiça Restaurativa. Dessa feita, a reparação do dano causado pelo ilícito pode ocorrer de diversas formas, seja moral, material ou simbólica, observando, porém, que o objetivo maior é que o ofensor reconheça e se transforme de tal forma que não venha mais cometer atos ilícitos a quem quer que seja.

Podemos entender que a prática da justiça restaurativa no âmbito do judiciário, ainda é recente e não totalitária, pois não há uma legislação nacional que determina sua aplicação, assim também é sua prática em outros contextos, inclusive no educacional.

Entendemos que a sua aplicabilidade é possível, e a resolutividade diante da sua aplicação traz um índice significativo, evitando reincidência do ocorrido, e isso nos traz um ânimo diante da expectativa de experimentar e vivenciar essa condução, na resolução de conflitos.

Essa contextualização amplia a visão sobre os fundamentos e possibilidades da aplicação da justiça restaurativa, que em muitos casos, tal

iniciativa alcança a pacificação das relações, de forma mais efetiva do que uma decisão judicial.

## **A JUSTIÇA RESTAURATIVA NO COTIDIANO DAS ESCOLAS**

Para falarmos especificamente da Justiça Restaurativa no ambiente escolar adotamos como referência a obra de Mullet e Amstutz (2012), pois estas autoras vêm tendo experiências neste campo, consideradas valiosas, transcritas em sua obra, as quais tratam sobre os benefícios e desafios de uma organização disciplinar da Escola numa perspectiva restaurativa – um tema inovador e de grande relevância para escolas e educadores interessados em aprimorar a gestão de conflitos escolares, promover a cultura de paz e prevenir a violência na escola sob uma perspectiva diferenciada.

As autoras afirmam que a resolução de problemas na escola, são valiosas oportunidades de aprendizagem e consideram que os valores da Justiça Restaurativa, que estimulam o diálogo respeitoso, oportuniza conhecer e considerar as necessidades dos membros da comunidade e, conseqüentemente, abrem a possibilidade para melhorar as relações de convivência no espaço escolar. Portanto, sugerem o abandono da punição como principal ferramenta pedagógica, e a adoção de estruturação disciplinar para escolas, baseadas nesses princípios.

Explicitam que as crianças precisam ao longo de suas vidas, aprenderem a ter um comportamento adequado socialmente e a ter autodisciplina. Por isso, acreditam que a disciplina restaurativa é uma possibilidade dos alunos que cometeram ofensas ou danos a alguém na escola, consigam através do diálogo, compreender as conseqüências dos seus atos, entenderem as necessidades geradas a partir disso, e se responsabilizarem pela reparação do mal cometido.

No decorrer do livro as autoras prosseguem citando valores que devem permear a filosofia da instituição para a implementação das práticas restaurativas na escola. De maneira geral, recomendam que as escolas que

possuem essa intenção, estimulem a construção do senso comunitário e atitudes de cuidado mútuo, busquem oportunizar a reparação de danos solidariamente e cooperativamente, valorizem as necessidades das vítimas, deem voz a elas, e estimulem o desenvolvimento de atitudes responsáveis.

Explicitam que a disciplina restaurativa na escola visa contribuir para a construção de uma cultura não violenta, através de práticas de prevenção da violência e de restauração, quando uma violação acontece. Afirmam ainda que muitas escolas já estão implementando abordagens restaurativas, e por isso abrem possibilidades para a resolução criativa e pacífica de soluções para casos não previstos nos regulamentos escolares.

Sob essa perspectiva, Mullet e Amstutz (2012) descrevem várias formas de aplicação da disciplina restaurativa na escola, tais como: reuniões de reintegração após suspensão, reuniões de classe, círculos restaurativos, conferências e mediação. Também relatam casos que ilustram com clareza a aplicação das práticas restaurativas.

Elas finalizam a obra relatando experiências bem sucedidas de implementação de práticas restaurativas em escolas americanas, e afirmam que viver em comunidade é um desafio, e que implementar uma filosofia restaurativa que oriente as ações de todos na Escola pode parecer difícil, mas que, passo a passo com criatividade e inspiração pode transformar significativamente as relações de convivência.

Nesta obra podemos constatar que a promoção da cultura da paz é um sonho que pode ser transformado em realidade na escola a partir das contribuições da Justiça Restaurativa.

Nas diferentes formas de aplicação da Justiça Restaurativa optamos em discutir o Círculo Restaurativo como alternativa na resolução de conflitos em ambiente escolar.

Tomando como referência o apresentado por Pranis (2010) entendemos que o Círculo de Construção da Paz é uma nova forma de reunir as pessoas, para chegar a um entendimento mútuo, fortalecer o relacionamento e resolver problemas grupais. Pranis (2010) essa técnica se inspira na tradição dos índios norte americanos, que se utilizavam do círculo de diálogo para discutir questões comunitárias importantes. Eles usavam um objeto chamado bastão da fala, que era passado por todos do grupo, sendo que

aquele que o segurava tinha o direito a fala e a ser escutado com respeito pelos demais. Nos Círculos de Construção da Paz, o mediador participa de todo processo, podendo expressar suas opiniões, contar suas histórias, o que lhe aproxima muito do outro, sendo um igual, o que proporciona abertura para a verdade e sinceridade.

O Círculo Restaurativo é muito utilizado para lidar com diferentes tipos de conflitos e violência, ele reúne de forma voluntária e pacífica, partes envolvidas em um conflito, quando um ofensor assume a autoria de um dano e aceita encontrar a vítima. Participam também, pessoas da comunidade, onde ocorreu o fato, indicado pelas partes. Com o auxílio do mediador, os participantes, principalmente os envolvidos, poderão falar sobre o ocorrido e expressarem seus sentimentos. A partir disto, se buscará um acordo, em consenso, para que seja reparado o dano causado, proporcionando uma melhor convivência entre as partes envolvidas.

### **3. Análise de informações coletadas (dados quantitativos e/ou qualitativos)**

Toda pesquisa parte de um princípio dado como problematização de um determinado tema, e a pesquisa de campo, “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados” (SEVERINO, 2007, p.).

Assim, percebemos que toda pesquisa se realiza através de um processo metodológico, a qual exige estudos e procedimentos coerentes àquilo que se deseja investigar.

A coleta de dados pode conter técnicas de documentação que “é toda forma de registro e sistematização de dados, informações, colocando-os em condições de análise por parte do pesquisador” (SEVERINO, 2007, p.), “a entrevista que consiste na coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados” (SEVERINO, 2007, p.), ou “questionário contendo um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações

escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo” (SEVERINO, 2007, p.).

Para esse trabalho, a coleta de dados se dará através de um relato de uma professora e toda comunidade escolar a qual pertence, onde se deu o fato, e que será posteriormente analisado nesta pesquisa.

No intuito de analisar as possibilidades da prática da Justiça Restaurativa no ambiente escolar, tomamos como referência, o relato da resolução pacífica de um episódio de violência, ocorrido em uma escola municipal da periferia de Porto Alegre – RS, através de um Círculo Restaurativo, após a realização de uma parceria com o Projeto Justiça para o século 21.

Devemos observar que o relato é feito por uma professora, que após longo preparo, atua como coordenadora e co-coordenadora de Círculos Restaurativos em ambiente escolar.

Expomos em seguida o relato da professora citada, o fato ocorrido, o encaminhamento e a resolução do conflito, o qual nos possibilita analisar a prática da Justiça Restaurativa no cotidiano escolar.

#### **a. Os fatos**

*Em outubro de 2010, numa pequena escola municipal de ensino fundamental da periferia de Porto Alegre na qual trabalho, certo dia o pai de um aluno do 1 ciclo apareceu transtornado na escola no início da tarde. Ele demonstrava estar com muita raiva e estava armado com um facão.*

*Isso aparentemente aconteceu porque o filho de 8 anos, deste homem, foi acompanhado de sua mãe para a escola momentos antes, e no trajeto foi apedrejado por colegas do seu filho. Ela saiu correndo com o filho e conseguiu sair ilesa. O menino ficou na escola e a mãe foi embora para casa.*

*Enquanto isso, esse menino ficou aguardando bater o sinal para entrar em sala de aula, no pátio da escola. Mas, enquanto aguardava se envolveu num conflito com outro colega e levou um soco. O menino assustado com tudo que tinha acontecido naquele dia, foi embora da escola, sem falar com*

*ninguém. Ao chegar em casa relatou ao pai o que havia acontecido. O pai ficou indignado e resolveu ir até à escola.*

*Desesperado, ao chegar na escola, o pai do menino gritava, ameaçando matar as crianças que estão fazendo isso com sua família. Ele procurou a diretora da escola e enquanto aguardava, a mesma encontrou os irmãos mais velhos de um dos supostos agressores no pátio, e ordena aos gritos, num tom ameaçador, para que eles façam o irmão deles parar de bater no filho dele, pois se não tomaria outras providências.*

*A diretora assustada com as ameaças chamou por telefone a Guarda Municipal e a Brigada Militar, pois achava que assim evitaria que uma tragédia acontecesse na hora da saída na escola.*

*Os guardas municipais que atenderam o chamado chegaram quando o pai em questão já havia se retirado da escola. Como sabiam que na escola havia pessoas habilitadas a coordenarem círculos restaurativos, aconselharam a diretora a não registrar ocorrência policial e a tentar resolver esse problema dentro da escola.*

*Essa circunstância revelou a importância das práticas restaurativas terem sido difundidas aos diversos trabalhadores que compõem a rede de atendimento à infância, pois isso fez com que uns pudessem estimular e encorajar os outros, num momento de fragilidade.*

### **O encaminhamento**

*Então, três dias depois a professora da turma dos alunos envolvidos nesse conflito me procurou e solicitou um Círculo Restaurativo. Ela acreditava que o conflito entre seus alunos era um fato grave que precisava de reflexão, visibilidade e acordo, já que os alunos da turma estavam, frequentemente, tendo dificuldades para conviverem pacificamente e não conversavam com ela sobre o assunto.*

*Tal fato, na sua opinião, vinha prejudicando a atenção e a concentração dos alunos em sala de aula nesse período importante da escolaridade, que é a alfabetização, pois passavam grande parte da aula conversando sobre os conflitos intermináveis entre os colegas.*

*A professora em questão achava que devido a gravidade do caso, o Círculo deveria acontecer o mais rápido possível. Ela também achava que a turma dela deveria participar de algum tipo de prática restaurativa, pois os alunos da turma sabiam do fato ocorrido e estavam sofrendo consequências indiretas daquele ato. Inicialmente planejamos uma sensibilização com a turma, baseada num livro infantil chamado “Galo de Guerra, de Paz” da autora Miriam Mermelstein.*

*O livro basicamente conta a história de um galo de rinha que vivia aprisionado e que desde pequeno só havia aprendido a lutar, mas que em determinado momento de sua vida questionava o destino de viver lutando com outros de sua espécie que nada de mal lhe fizeram, e correndo sérios riscos. Até que planeja, com o auxílio de outro galo, uma fuga, e ambos transformam suas vidas, pois abandonam as competições.*

*O livro gerou um debate sério sobre a importância de reflexão sobre os próprios atos e sobre as possibilidades de mudança que estão muitas vezes nas mãos de cada um. Sem mencionar diretamente o conflito ocorrido com os colegas, conseguiram dar apoio e estímulo à eles. Também de uma maneira lúdica conseguiram perceber que a escola está atenta ao cuidado e segurança dos mesmos, e que precisa da cooperação de seus alunos na construção de um futuro com menos violência. Com isso, essa prática restaurativa teve também a função de auxiliar na prevenção de futuras manifestações violentas dos membros desse grupo da escola, porque com ela perceberam que podem aperfeiçoar suas habilidades sociais.*

*Posteriormente, de forma voluntária comecei a trabalhar pela realização desse encontro pacificador. Ao procurar os ofensores, fiquei sabendo que um deles tinha faltado a aula, pois a sua família temia que o pai em questão retornasse à escola e revidasse a agressão. Então, procurei um de seus irmãos mais velhos, que estudava na escola e que já havia sido meu aluno. Informei a ele que a professora da turma havia feito um convite para resolver o conflito através do Círculo Restaurativo e lhe expliquei a dinâmica do encontro. No final de nossa conversa lhe disse que se sua família permitisse a resolução do problema por essa forma, poderia deixar seu irmão retornar as aulas e que se ele assumisse a responsabilidade pelo*

dano e quisesse participar, o Círculo seria realizado. No outro dia o aluno em questão retornou à escola e pude começar a realizar os Pré- Círculos.

Nos pré-círculos os alunos apontados como causadores do dano assumiram a autoria do fato e demonstraram interesse em resolver o conflito, dessa forma não violenta. Também concordaram em participar do Círculo respeitando os valores norteadores das práticas restaurativas (responsabilidade, esperança, interconexão, humildade, honestidade, respeito, participação, empoderamento e esperança). Todos os participantes do Círculo indicaram pessoas da comunidade escolar para serem convidadas como seus apoiadores. As crianças indicaram colegas de sua turma, em que confiavam, e que na opinião deles poderiam lhes ajudar a fazer o acordo. A professora da turma convidou a Orientadora Educacional para ser sua apoiadora. E a mãe agredida não quis convidar ninguém.

### **O Círculo Restaurativo e o Pós- Círculo**

No terceiro dia após a solicitação aconteceu o Círculo Restaurativo, após o horário das aulas, mais especificamente no horário da reunião pedagógica, com a participação de nove pessoas.

O círculo começou com meia hora de atraso porque a mãe que foi apedrejada, apesar de confirmar seu interesse e disponibilidade em participar do encontro, e inclusive confirmar sua presença por telefone, no dia do Círculo não compareceu ao mesmo. Tal fato pode revelar que a comunidade ainda desconfia do potencial pacificador dos Círculos Restaurativos, e que são necessários mais encontros visando sensibilizar a comunidade. Mas apesar disso, todos concordaram que o Círculo deveria ser realizado.

No dia do Círculo as crianças foram as primeiras a se dirigirem para o local marcado para a realização desse ritual. Estavam descontraídas, conversando enquanto aguardavam os demais convidados para a nossa “Rodinha da Paz”. Mas no momento em que todos chegaram e se sentaram nas cadeiras dispostas em Círculo, automaticamente ficaram em silêncio e transformaram suas posturas. Isso de certa maneira demonstrou que essas crianças ao participarem pela primeira vez desse tipo de encontro, já compreendiam “o Círculo como espaço sagrado, no qual os participantes se

*colocam diante de si mesmos e dos outros com uma qualidade de presença distinta dos encontros corriqueiros do dia-a-dia” (PRANIS, 2010, p. 26).*

*Iniciei o encontro, compartilhando minha alegria e satisfação com os participantes, por optarem por essa forma de resolver conflitos. Logo após foi explicado novamente aos participantes a sistemática do encontro.*

*No início do Círculo foi socializado o resumo dos fatos ocorridos.*

*Durante o Círculo Restaurativo a professora da turma relatou que se sentia desanimada, triste e preocupada desde que o conflito havia acontecido, pois o fato ocorrido era sério e nenhum de seus alunos a comunicou sobre o ocorrido. A professora ainda disse que percebia que os alunos estavam tensos e preocupados e que por isso estavam conversando muito e não estavam conseguindo se concentrar durante as aulas.*

*Posteriormente, a vítima indireta (filho da mãe agredida) disse que se sentia magoado pelo o que os colegas fizeram, já que a mãe dele não havia feito nada para eles. Relatou que queria saber por que tinham feito aquilo e afirmou que sentiu medo no dia do fato.*

*Os ofensores relataram que estavam se sentindo mal pois estavam tristes com o que tinham feito e que se arrependeram do que fizeram. Um deles inclusive explicitou que sentiu vergonha do que fez. E o outro ofensor, diversas vezes ficou com os olhos cheios de lágrimas durante o Círculo. Nesse momento do encontro também explicitaram que não tinham nenhuma motivação específica para apedrejarem a mãe do colega e que fizeram aquilo para se divertirem, mas que já tinham percebido que aquilo tinha sido errado. Revelaram assim a percepção de que utilizaram “os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso sempre produz, alimenta e até perpetua muita dor...” (Silva, 2010, p. 21).*

*Logo após a colega apoiadora do ofensor afirmou que acreditava que os seus colegas, que haviam cometido o dano, compreenderam o que a professora da turma pediu no Círculo e que os mesmos haviam se arrependido do que eles fizeram, pois já haviam mudado de comportamento em sala de aula desde o dia em que aconteceu o fato.*

*Um menino, que era apoiador da vítima, sugere aos colegas ofensores que tenham mais força e persistência para se autocontrolarem e evitarem que situações como essa se repitam. Apesar dos aconselhamentos não serem desejáveis nesse tipo de encontro não é possível controlá-lo inteiramente, isso circunstancialmente pode acontecer, principalmente quando se trata de crianças tão pequenas que estão tendo sua primeira experiência com essa forma diferenciada de resolver conflito.*

*A apoiadora da professora se manifestou, dizendo que esperava que os ofensores refletissem mais antes de agir e lembrassem que quando as pessoas prejudicam as outras, podem aproveitar a oportunidade para aprenderem a se entender e a mudarem aspectos necessários.*

*No Círculo Restaurativo, após uma conversa de mais ou menos uma hora, ficou acordado que os infratores não iriam ameaçar ou agredir fisicamente os colegas da turma e seus familiares. Também ficou combinado que quando se envolvessem em uma situação de conflito e tivessem dificuldade de resolvê-la sozinho, pedissem a qualquer momento, ajuda a um adulto na escola (professora da turma, orientadora educacional, diretora ou o guarda da escola).*

*Os próprios ofensores sugeriram que deveriam pedir desculpa à vítima que estava presente no Círculo, e assim espontaneamente se dirigiram a vítima, o abraçaram e pediram desculpas. Foi um momento emocionante para todos que estavam ali.*

*Aproveitei a oportunidade e me manifestei falando da minha emoção e satisfação de presenciar uma manifestação de humildade e afeto que parecia muito genuína.*

*Também sugeriram que deveriam pedir desculpas para a mãe do colega através de uma carta. Mas quando começamos a conversar sobre como a carta seria entregue, um dos apoiadores da vítima sugeriu que ela fosse entregue pessoalmente pelos ofensores, porque assim seria menos “desengonçado” e revelaria o comprometimento e as boas intenções deles. Os ofensores concordaram com a sugestão. E ficou combinado que eles entregariam a carta, acompanhados da professora, quando essa mãe viesse buscar seus filhos na escola, já que costuma fazer isso diariamente. Essas combinações foram registradas por escrito e assinadas pelos envolvidos.*

*Quando o Círculo terminou tive a sensação de que um dos principais benefícios daquele encontro, foi o de gerar a oportunidade para o resgate da confiança e o aumento de companheirismo entre aqueles alunos e sua professora, porque ela conseguiu demonstrar a eles que não almejava a punição deles, mas sim a partilha da verdade e a responsabilização. Isso fez com que eles não sentissem medo e conseguissem compartilhar suas histórias, respeitosamente. E a partir disso, conseguiram perceber que suas vidas estão interconectadas.*

*Então, esse processo de busca pela reparação do dano demonstrou para a comunidade escolar, que o causador do dano “precisa responder pelo que fez, vendo as consequências naturais de seus atos. Isto significa compreender e reconhecer o dano e agir para corrigir a situação” (Zehr, 2008, p.189). Tal fato aparentemente aumentou a sensação de segurança dos membros da comunidade escolar, diretamente envolvidos no conflito, pois sentiram-se empoderados ao auxiliarem na resolução daquele conflito.*

*Entre o dia do Círculo e a data marcada para o Pós-círculo, informalmente a professora, que solicitou o Círculo, me procurou e relatou que estava impressionada com a mudança de comportamento de um dos ofensores. Falou que seu aluno estava muito mais afetivo, e próximo a ela, e que estava nitidamente fazendo um esforço para respeitar mais seus colegas.*

*Quando a data marcada para o Pós-Círculo se aproximava, procurei pessoalmente todos os participantes do Círculo Restaurativo e lhes lembrei da data e horário de nosso encontro, enfatizando que a presença de todos era importante para sabermos se todos estavam satisfeitos, e se haviam cumprido suas promessas, ou se ajustes no acordo, seriam necessários.*

*Um mês depois, durante a realização do Pós-Círculo, todos que estavam no dia do Círculo Restaurativo, compareceram, com exceção da Orientadora Educacional da escola (apoiadora da professora) que estava em Licença- Saúde. As relações entre os alunos envolvidos já estavam restabelecidas e conseguiam brincar e estudar normalmente na escola. A avaliação de todos os alunos sobre a prática do Círculo Restaurativo foi positiva, já que acharam que aquele tipo de conversa foi boa, porque os*

*ajudaram a se compreenderem melhor e a evitar que a violência gerasse mais violência.*

*A professora da turma também ficou muito satisfeita e ressaltou na sua avaliação que: “ A roda da paz demonstra o quanto as crianças são capazes de refletir sobre os conflitos e buscar soluções amigáveis, cumprindo o que foi acordado por todos.”*

### **Considerações Finais**

*Tal depoimento demonstrou que o Círculo Restaurativo, muitas vezes, tem o poder de impulsionar transformações necessárias com a contribuição e apoio das pessoas, e isso encheu as pessoas de otimismo e esperança.*

*Dessa forma, em algum sentido esse Círculo Restaurativo ajudou a curar as relações na comunidade escolar, pois ofereceu uma oportunidade para as pessoas se reunirem “para falar francamente sobre conflito, dor e raiva e sair se sentindo bem em relação a si mesmas e aos outros” (Pranis, 2010, p.18)*

*Através da percepção de que suas vidas estão interconectadas e que por vezes precisam ser respeitosamente ajustadas, evitou que a violência gerasse ainda mais violência.*

*Isso demonstra claramente que os Círculos Restaurativos na escola podem ser encontros pacificadores, que às vezes podem contribuir de forma significativa para a resolução de alguns conflitos, qualificando a convivência no espaço escolar. Assim, os Círculos Restaurativos muitas vezes são verdadeiras sementes da paz, que aliadas a outras práticas pacificadoras, alimentam a crença num futuro diferente que pode ser construído com a união de todos da comunidade escolar.*

Entendemos, no entanto, que essa prática só é possível se alguns conceitos além de sistematizados, seja também incorporados à postura da comunidade escolar, como destacamos a seguir:

Uma classe restaurativa é um lugar onde os relacionamentos têm importância. Quanto melhor forem os relacionamentos na classe, entre

professor e alunos e entre os próprios alunos, mais fácil será para o professor ensinar, e mais fácil para os alunos aprenderem, e existirão menos desafios e conflitos.

Um professor restaurativo é uma pessoa que adota a visão de que os relacionamentos têm importância, e cria na sala de aula o maior número possível de oportunidades de conexões. Conexão com o que eles já sabem, realizar conexões entre o que os outros sabem, ampliar, assim, seu próprio conhecimento, aprofundando estas conexões e, quando as coisas vão mal, assegurar que a reconexão aconteça o mais rápido possível.

Os relacionamentos têm importância para o ensino e aprendizado mais eficaz – todas as evidências sobre o funcionamento do cérebro sugerem que a pessoa mais segura e feliz, é mais receptiva à novas ideias. Colocado de outra forma – o estresse e o medo diminuem a função do cérebro e reduzem a habilidade de processamento de novas informações. Quando os jovens têm conexões pró-sociais com seus colegas e professores, eles se sentem mais seguros. Sem estas conexões, a classe pode ser percebida como um lugar hostil e ameaçador.

Sob essas considerações, vale enfatizar que todo ambiente deve favorecer a harmonia, o diálogo, a fim de que os participantes percebam o quanto é importante e agradável a convivência social. Isso favorece os relacionamentos em sala de aula e em todo cotidiano escolar.

#### **Alguns indicadores que poderão favorecer o ambiente harmonioso:**

- **Os relacionamentos têm importância para motivação e inspiração** – o aprendizado eficaz tem tudo a ver com o fazer conexões entre o que as pessoas já sabem e novos conhecimentos e ideias. Estas conexões podem ser mais eficazmente feitas se as pessoas se sentirem entusiasmadas e inspiradas, engajadas em seu aprendizado, com novas oportunidades de aprender à sua própria maneira, interagir com os

outros e dividir ideias, a serem desafiadas de maneira criativa. **Ou seja, cada ser é um ser, por isso mesmo, com características próprias.**

- **Os relacionamentos têm importância no desenvolvimento da cidadania ativa e espírito comunitário** - os jovens vão para a escola, principalmente para encontrar os amigos e aprender a se tornar um ser social. Eles precisam de muitas oportunidades para se interagir socialmente, de forma positiva – aproveitando o poder de dinâmicas de grupo para alcançar suas visões e sonhos de um futuro melhor. Assim, percebemos que a escola é um ambiente de interação, a qual facilita as descobertas e favorece projeções futuras.
- **Os relacionamentos têm importância quando as coisas vão mal** – aprender a aceitar responsabilidades, viver a experiência de ser responsável pelas próprias escolhas, e aprender a consertar situações difíceis junto para com aqueles que dividem o problema, dá aos jovens, inestimáveis habilidades para a vida, pois eles descobrem que todo ato tem uma consequência, por isso devem saber fazer suas escolhas.
- **Os relacionamentos têm importância na resolução da violência e bullying** – hostilidade e preconceito, isolamento e bullying só conseguem se desenvolver em ambientes onde não há carinho e conexões, onde não há sentimento comunitário e de inclusão. Pesquisas na área de redução de violência e bullying sugerem que a estratégia mais eficaz que uma escola pode aplicar, é assegurar que toda classe seja uma comunidade coesa, e tenha o maior número possível de oportunidades para atividades entre séries e entre classes. Dessa feita, o convívio interativo oportuniza um aprendizado respeitoso, no qual não há o melhor ou pior, mas a presença de pluralidades em todos os aspectos.

Para a efetivação da prática restaurativa no contexto escolar, é preciso compreender que a base dessa prática se fundamenta em cinco principais

temas ou ideias, as quais sustentam as interações diárias em qualquer instituição, ou organização que adotem essa maneira de trabalho, as quais são:

**Tema 1 – Perspectivas pessoais e igualmente valorizadas.** Todos têm suas próprias perspectivas sobre uma situação ou acontecimento, e necessitam de oportunidade de se expressar para se sentir respeitados, valorizados e ouvidos.

**Tema 2 – Os pensamentos influenciam emoções, e emoções influenciam ações subsequentes.** O que as pessoas pensam, em um determinado momento, influenciam-nas no que sentem, e esses sentimentos informam o comportamento. Os pensamentos e sentimentos estão “abaixo da superfície”, mais ainda, é muito importante entendê-los.

**Tema 3 – Empatia e consideração pelo outro** Conflitos ou desentendimentos podem resultar em danos – em termos de emoções negativas, como raiva, mágoa, medo, frustração e confusão, e sobre os relacionamentos e conexões danificados entre pessoas. Para viver juntas, em harmonia, as pessoas necessitam de empatia e consideração, para entender quem é afetado por suas decisões em dada situação.

**Tema 4 – A identificação das necessidades vem antes da identificação das estratégias para atender estas necessidades.** É provável que tanto as pessoas que causam danos, quanto àqueles que são prejudicados, têm necessidades similares. Até que estas necessidades sejam atendidas, o dano pode não ser reparado e os relacionamentos podem permanecer danificados. Necessidades não atendidas podem ser a causa oculta inicial para um comportamento danoso, que também precisam ser exploradas para ajudar as pessoas a quebrar o ciclo de comportamento inapropriado. A identificação das necessidades das pessoas precede a identificação das estratégias para atender estas necessidades.

A compreensão do que todos necessitam para podermos dar o melhor, é também o primeiro passo na identificação dos códigos de conduta acordados para todos da comunidade escolar.

**Tema 5 – Responsabilidade coletiva pelas escolhas feitas e por seus resultados.** As pessoas afetadas, pela situação ou acontecimento, são as melhores para identificar o que deve acontecer para que todos sigam com suas vidas, e para que o dano seja reparado. Esta “apropriação” da tomada de decisão e resolução do problema demonstra respeito e crença, desenvolve habilidades e confiança pró-sociais e fortalece as conexões.

Diante do exposto percebemos que a Justiça Restaurativa junto às estratégias utilizadas, podem dar bons resultados como já fora mencionado pela professora e os envolvidos na situação relatada. Dessa forma, nos cabe abrir para novas possibilidades, considerando o cotidiano escolar, assim como a formação dos profissionais e os relacionamentos que se constroem na comunidade como um todo.

Vale dizer que os procedimentos utilizados pela escola em relação ao fato exposto pela professora da turma, foram válidos já que o problema fora resolvido, e que o caso recebeu atenção devida, não usando de atitudes recriminatórias, mas oportunizando o crescimento respeitoso de todos.

## **CONSIDERAÇÕES**

Hoje, a sociedade como um todo, se depara com situações de violência a todo momento, e no ambiente escolar isso não é diferente, e exige dos professores e de toda a escola, esforços que às vezes nem sempre são eficazes, o que deixa em muitos professores, uma sensação de impotência e que a escola não é capaz de resolver seus próprios problemas.

A Justiça Restaurativa é uma possibilidade de inserir novas estratégias de resoluções de problemas no cotidiano escolar, sem ferir as leis existentes, porém sem se omitir, utilizando-se de formas concretas de sensibilização, tanto do ofensor quanto do ofendido, através do diálogo, do círculo restaurativo, no qual os envolvidos têm condições de pensar em seus atos, e que cada ato tem suas consequências, por isso mesmo, a prevenção é uma forma de amenizar ou evitar possíveis conflitos.

Há que se considerar que as pessoas possuem uma história de vida e que nem sempre são as mais agradáveis, por isso mesmo, a escola e a sociedade deve oportunizar meios de crescimento intelectual, emocional e físico, sem agressão, garantindo uma formação de qualidade.

Através da pesquisa bibliográfica, juntamente com a coleta de dados, pudemos entender que a Justiça Restaurativa merece credibilidade por parte da comunidade escolar, familiar e de toda sociedade, e por que não dizer do poder legislativo e judiciário também.

Dessa forma, certamente estaríamos garantido as conexões para se realizar um trabalho eficaz no ambiente escolar, principalmente, proporcionando um repensar sobre atitudes dialogais e de interação no convívio escolar e social.

Não pretendemos ter essa pesquisa como um produto final, mas possibilitar novas reflexões e novas ideias a serem abordadas, a fim de contribuir para com a educação e resolução de problemas oriundos do cotidiano escolar, no que tange a convivência sem violência.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMSTUTZ, Lorraine S. e MULLET, Judy H. **Disciplina Restaurativa para escolas**: responsabilidades e ambientes de cuidado mútuo. São Paulo: Palas Athenas, 2012.

LEDERACH, Hohn Paul. *Transformação de conflitos*. São Paulo: Palas Athenas, 2012.

ZEHR, Howard. ***Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a Justiça***. São Paulo: Palas Athena, 2008.

<http://www.cnj.jus.br/5mdh>

ALMEIDA, Tânia. Justiça restaurativa e mediação de conflitos. 2001; disponível em: [http://www.mediare.com.br/08artigos\\_06\\_justica\\_restaurativa.html](http://www.mediare.com.br/08artigos_06_justica_restaurativa.html) acesso em 01/08/2016.

BRANDÃO, Delano Câncio. **Justiça restaurativa no Brasil:** conceito, crítica e vantagens de um modelo alternativo de resolução de conflitos. 2002. Disponível em: [http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=946](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=946) acesso 29/07/2016.